1.º ANNO — Sabbado, 4 de julho de 1908 — Numero 20

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Luz!... Luz!...

Não se póde hesitar no caminho que o facto escandaloso vae tomando. Os jornaes da situação, de escarninho amarello, começam a marcar *étapes* ao processo dos adeantamentos, calculando que as opposições desarmem anniquiladas ou exhaustas no fim da jornada.

E' facto consignado que as hostes do rotativismo se deram as mãos para desvirtuarem a gravidade do crime, tratando-o de um caso futil que não merece a celeuma e a estupefacção que elle causou em todo o paiz.

Torna-se, pois, necessario conservar effervescente o espirito publico. A delapidação do thesouro não é um delicto vulgar, como insinuam as gazetas da concentração monarchica.

Os homens do regimen encolheram,é verdade, as unhas, capitulando perante o formidavel escandalo que sobresaltou o paiz. Mas ensáiam sobrepticiamente a evasiva cynica de cohonestar o crime não pelo valor do roubo, mas como uma transacção ordinaria entre crédor e devedor, este pedindo adeantamentos sobre honorarios que aquelle não vencêra ainda.

A tangente, por demasiado grosseira,não faz honra á subtileza, que vem tardia para dar fóros de honestidade a um acto que os proprios auctores implicitamente repudiaram,negando que os adeantamentos tivessem existido.

A nação tem os olhos postos no partido republicano. Os mesmos serviçaes da dynastia que,vivendo dos favores d'ella, são os Pilatos n'este scenario de torpezas, estremecem ante as verdades fulminantes com que os deputados republicanos marcam uma epocha de esbanjamentos e de depredações.

A corrupção do systema avassalou todos os meandros do seu organismo. Os vicios da côrte, protelando a sua liquidação por meio do suborno e da veniaga, conduziram Portugal ao esphacelamento moral e economico, de que só o poderá redimir um arranco impetuoso do nosso amor a esta terra conjugado com os esforços da intelligencia alliada á austeridade dos homens que põem acima dos interesses dos corrilhos e das castas o supremo anceio de bem administrar o patrimonio commum.

O nosso paiz soffre do esgotamento das energias, que foram n'outro tempo a orgulhosa caracteristica da raça portugueza. A miseria e a fome enervaram-lhe os estimulos. Foi á sombra d'essa anomalia que os reis retemperaram na origem divina, gastaram á farta, sem receios, armando sophismas á propria consciencia para os absolver,e ludibriando o povo com blandicias espectaculosas que não o deixavam vêr nada alem das paredes diaphanas das alcovas principescas, onde lhe jogavam a tunica.

O problema foi posto em plenas camaras. A questão não vale só pelo dinheiro que desappareceu ás occultas do thesouro publico. O facto criminoso, affirmado por um ministro da corôa, reveste o caracter moral que define um principio. E' necessario ir até ao fundo do mysterio, trazer para a luz toda a urdidura da infamia, chamar á barra os accusados para que digam da sua justiça.

Concretizem-se insinuações. Esmague-se com a verdade quem delinquiu. Não deixêmos dispersar a attenção do paiz com o barulho acintoso que se está fazendo em volta dos adeantamentos illegaes.

Se a derrocada está eminente, salve-se ao menos o decôro d'esta pobre nacionalidade, victima da extorsão rapace d'uma cohorte de ciganos, para que lá fóra não nos julguem um povo ingovernavel, só digno de commiseração tutelar.

Portugal, lá fóra

O descalabro das finanças portuguezas e a anormal situação do thesouro, de portas escancaradas á cubiça dos que se *adeantaram*, produziram lá fóra, e especialmente na Inglaterra, a triste nota de nos supporem uma kabilla do Riff, onde os empertigados da monarchia dispõem arbitrariamente da bolsa do contribuinte.

A imprensa ingleza, espantada com as revelações escandalosas dos celebres adeantamentos, vem insinuando «que a Republica seria uma solução digna á crise em que Portugal se debate.»

Alguns jornaes accrescentam que a monarchia «é perigosa e destruidora aos olhos dos contribuintes que não imaginavam que o dinheiro com que concorrem para o bem do Estado tivesse tão miseravel destino».

*

Varrendo a testada

O *Liberal*, varrendo a testada:

Mas Portugal não é a Falperra!—creiam-no os estrangeiros.

Ainda aqui ha muita gente honesta, muito contribuinte de boa fé que tem dado o seu dinheiro innocentemente para os *adeantamentos*, como agora se veio a saber.

Ha *adeantamentos* na casa real, nas secretarias d'Estado, na aristocracia, entre os pares, entre os deputados, entre os burocratas, entre os titulares, entre os palatinos. Tudo isso é verdade. Mas toda esta gente, e os ministros que se *adeantaram*, com o dinheiro que não era d'elles, contra a lei, e contra a *verdade* do orçamento, não é a nação portugueza.

Nem todos os portuguezes são... *adeantados*. A grande maioria é a dos desgraçados contribuintes que tudo isto têm pago, que teem concorrido, *sem o saberem*, para tão grande e debochado escandalo.

Mas a nação saberá vingar-se, agora que se derruiu o tenebroso segredo que occultava taes façanhas!

Que miseria!

Os adeantamentos

Vamos todos de surpreza em surpreza! O assalto officioso aos cofres publicos toma proporções extraordinarias.

Os celebres adeantamentos, que a generosidade do snr. João Franco apurou não passarem de 771 contos de reis, vão agora subindo a uma cifra espantosa.

O snr. Queiroz Ribeiro, insinuou no parlamento que o desvio de dinheiros do thesouro em beneficio da familia real e dos seus mais graduados famulos, chegava a 10 mil contos.

Seguindo, porem, novas descobertas, a fraude já chega a 12:000 contos, havendo ainda quem diga que ella, bem apuradinha, deve orçar por 18:000 contos!..

Não ha commentario bastante adaptavel a tão estupenda munificencia rotativa.

*

O cordão umbillical

O *Portugal*, afinando pela diapasão do momento, diz que anda por ahi muita gente atrapalhada; que muito menino bonito da politica rotativa, não dorme, nem descança, medroso de revelações.

Vão-se chegando...

A camara municipal, que é francácea, deliberou, na sua ultima sessão, que a antiga rua do Loureiro passe a chamar-se: rua *Conde d'Agueda*, e que a avenida do Terreiro se chame de futuro: Avenida Conselheiro *Albano de Mello*.

Nada temos que oppôr a similhante deliberação, que é, de certo modo, uma homenagem prestada a dois homens illustres do nosso districto e que teem feito a Aveiro beneficios importantes.

Isto não podemos contestar,embora elles sejam nossos inimigos politicos.

Mas o que nos faz especie é que seja a gente francácea quem por este meio vem reconhecer assim publicamente o valor politico d'estas duas personalidades e dos beneficios que elles teem feito em prol de Aveiro.

Ainda ha pouco tempo o grito de guerra dos politicos frankistas era:—*contra Agueda até morrer.*

Muitos eram francáceos, não por sympathisarem com a politica de João Franco, mas sim por que o frankismo local tinha por fim *abater Agueda, os Bécos e os Albanos.*

Vê-se, porém, que mudando os tempos os homens tambem mudaram e com elles as suas ideias e sentimentos.

Agueda triumpha, Agueda canta victoria.

Frankistas e progressistas vão-se chegando uns aos outros.

No que deram todas as basofias do frankismo local!

Ainda veremos a actual camara municipal denominar de «Gustavo Pinto Basto» a rua onde se está construindo o novo Asylo Escola.

Vá lá, vá lá, que, se o fizesse, não seriamos nós quem por tal a censurasse.

Como, diga-se, não a censuramos pela homenagem que acaba de prestar a dois homens com quem, politicamente, nada temos e nada queremos.

Só pretendemos salientar as incoherencias da gente frankista.

Agora a *Aveneta dos Aleijões*, segundo uns, ou *Chão da Palmeira*, segundo outros, perderão tão feios nomes.

Pelos modos a *Avenida* sempre é coisa de merecimento, pois do contrario não a julgariam digna de ser denominada com o nome de uma pessoa a quem desejaram prestar homenagem!

Que dirá a tudo isto o snr. presidente da Camara e director da *Vitalidade?*

CARTA DE LISBOA

1 de julho de 1908.

E' ainda debaixo da impressão, que o imponente comicio de domingo me deixou, que vos escrevo.

E eu não encontro palavras que possam traduzir o que os meus olhos photographaram durante essas duas horas, em que mais de 40:000 pessoas reunidas pela mesma ideia, e com gritos unisonos de saudações, agradeceram aos denodados caudilhos da sua causa a fórma altaneira como se têm desempenhado do espinhoso mandato que por esse mesmo povo lhes foi conferido.

Espectaculo maravilhoso! Commovedora romaria!

E digo commovedora,porque não havia ninguem por mais sceptico que seja que, ao deparar com esse oceano irrequieto de cabeças altivas, não tivesse um momento de infantilidade; não havia ninguem que não sentisse duas lagrimas de commoção mal contidas, borbolharem impertinentemente nos olhos.

Poderosa Familia!

A photographia póde representar o numero, mas nunca nos fará ouvir esses gritos unisonos vindos de dezenas de milhares de boccas, e que vão impiedosamente, como granadas, de encontro ás muralhas ruinosas d'um regimen a desabar.

Seria preciso um disco phonographico colossal, para reter esses gritos d'alma e ir com elle depois, ao Paço, desenganar essa sympathica creança, victima das ambições desmedidas d'uns, e das adulações hypocritas de todos.

Mas se essas demonstrações acaloradas, se esses gritos de reprovação por si só condemnam um regimen, o que mais o condemna, a meu vêr, é a fórma como essa enorme massa popular usa do seu civismo, calando-o quando a razão lh'o ordena, expondo-o com toda a sua nudez, quando um dever lh'o impõe.

Na realidade, se a permanencia d'esse povo, durante 2 horas n'um recinto onde o sol abrazador cahia a prumo, foi uma victoria para o partido, a sua retirada ordeira foi um triumpho mais.

Nem um grito, nem um viva, nada que demonstrasse a indignação que levavam n'alma, resultante das verdades ouvidas.

E' que esse bello povo obedece cegamente a um grupo paternal, que o guia com carinho, e que o educa, porque o estima, soffrendo quando elle soffre, sem hypocrisias, nem sophismas.

Oh! como era bello vêr o desfile silencioso d'essa familia, que mais uma vez acabava de condemnar para sempre um regimen!

Por muito que as grandes figuras do nosso partido tenham trabalhado, por mais heroicos sacrificios que tenham dispendido, devem dar-se por bem pagos, ao verem o resultado da sua grande obra.

O povo não esquece quem o ama, e, por mais esforços que a monarchia faça, já não obsta a que os nomes d'esses grandes patriotas deixem de ser escriptos, em letras d'ouro, na pagina mais brilhante da nossa historia.

E ao contrario do que succede actualmente com os monarchicos, já têm a gloria de vêr a maioria da nação curvar-se respeitosamente ante a nobreza do seu caracter, da sua intelligencia, e das suas intenções.

Eu tenho a certeza, eu jogaria a minha cabeça, em como esse nobre povo, que ordeiramente requereu no domingo a abdicação do regimen, irá ámanhã para a praça publica, a uma simples ordem dos seus dirigentes, escalar as muralhas do preconceito, ainda que para isso tenha de sacrificar o que de mais caro tem: a vida.

IGNOTUS.

Chronica de Cacia

RESPOSTA A UM NIGROMANTE

Como mero incidente, que não se repetirá, occupa-se esta da referencia com que um jornal pseudo-republicano d'essa cidade, entendeu distinguir-me e que, longe de me deprimir, me dá ensejo a salientar o espirito de justiça e a sinceridade com que o seu bilioso auctor, hoje por demais conhecido, combate aquelles a quem a sua neurasthenia *sui generis* caprichosamente alveja. Assim S. Ex.ª (é assim que se tratam os *escriptores da cidade)* accedendo ao convite de um dos seus thalassicos leitores, por signal borlista, e cujo nome omitto por uma das mais elementares precauções d'hygiene, julgou dever mimosear-me com as seguintes e textuaes palavras que muito lhe agradeço por escorrerem do bico da sua inconfundivel penna estylete:

Vá lá, que ainda esse não diz muitas asneiras. E' parvo. Mas já temos visto dizer asneiras muito maiores. Diga-se em honra do homensinho.

Com que então, oh! Rochefort de pacotilha, oh! Summo Pontifice do arrieirismo nacional, reconheces que não digo muitas asneiras, hein! Como esta confissão é preciosa na tua bocca! Tu, o eterno maldizente de tudo e de todos, inclusivamente da tua propria sombra! Tu, um despeitado até do proprio ar que respiras!

Pois póde lá ser que eu, humillimo rabiscador d'aldeia sem pretenções a popularidade, visto que até o meu nome omitto, mereça esta opinião d'um homem para quem Brito Camacho, José Caldas, Bruno, Bazilio Telles e outros jornalistas e publicistas de envergadura não passam de umas refinadas cavalgaduras?!

Que noção tens tu do sentimento das proporções, oh! burlesco Herodes das reputações alheias?!

Como o teu aziume te desvaira e faz soffrer!

Mas do traslado acima ainda resalta uma affirmação que me deixa deveras intrigado: é quando o illustre Judicibus, perdão! o illustre *escriptor da cidade* pretende convencer a thalassaria que o lê e alenta de que a parvoice se veio enkystar na minha humilde pessoa.

Tens a certeza do que avanças, emerito representante do *frégolismo* jornalistico? Acaso não serás mais uma vez victima do teu criterio systematicamente inconsequente?

Vejamos. Se a minha memoria me não atraiçoa quer-me parecer que já tiveste a respeito d'este teu humilde creado opinião bem diversa da que expendes agora na papeleta, pois não hesitaste em sollicitar, por mais d'uma vez, quer pela gazeta que ao tempo se chamava *Jornal de Aveiro*, quer por telegramma, a minha pobre e despretenciosa collaboração.

Não será verdade tudo isto? Creio que não terás o impudor de o negar. Ora sendo assim, como classificar o homem que tanto empenho manifestava em ter assegurada a collaboração de parvos? A' certa que é... archiparvo para te devolver com mais propriedade o epitheto.

Com isto não pretendo contestar que um cidadão, por mais criterioso que seja, não possa *emparvecer* de um momento para o outro; esse risco, porém, affastei-o de mim no dia em que deixei de lêr a tua prosa atrabliaria, no momento em que me convenci que armavas em *Bandarra* e *Borda d'Agua*, fazendo previsões e prophecias d'acontecimentos politicos .. depois de realisados. De resto, já de ha muito era suspeita minha que cada numero do jornal que sahia estava em manifesta contradicção com o anterior, tanto é o poder do teu infernal despeito qué, mau grado teu, lentamente te irá consumindo.

Mas diz mais o illustre preopinante:

Olhe que a Republica póde não ser um regimen de tolerancia, de liberdade, de egualdade e de fraternidade. Por exemplo: as republicas do Haiti e S. Domingos, quasi todas, para não errar, as da America hespanhola.

Muito obrigado, obrigadissimo pela licção. Se mais não adiantas, perdes o teu latim. Simplesmente a maior parte das republicas da America hespanhola são tudo menos isso, por quanto eu não concebo republicas em que ao povo é systematicamente vedada a sua ingerencia nos negocios publicos, que abusivamente estão monopolisados por uma casta privilegiada e detentora da força bruta—o *militarismo*. E devido a isto é que, de vez em quando, apparecem dictadores enxertados em militarões como o general Castro da Venezuela, como Nord Alexis em S. Domingos.

Junta agora: o antagonismo das raças (branca, preta, creoula ou mestiça), os restos do clericalismo da dominação hespanhola e a deficiencia de instrucção publica, etc., e ahi tens o motivo porque as pseudo-republicas da America hespanhola não são positivamente um modelo de tolerancia, liberdade, egualdade e fraternidade.

Mas—forte incoherencia—dominando n'estas republicas a classe militar, porque não lhes chamas antes oligarchias? Sim! se em tua consciencia a Republica te não dá mais garantias do que a monarchia, porque razão te tens affirmado republicano? Pois tu não vês que esses povos da America hespanhola, se não são victimas da tyrannia da realeza, são victimas do militarismo caserneiro, seu irmão gemeo! Era o que, *mutatis mutandis* poderia acontecer a Portugal se, para nossa infelicidade, a Republica fosse implantada n'este paiz exclusivamente por um pronunciamento militar.

Não faltariam Nord Alexis cá na Parvonia e tu, com o teu feitio intolerante, absorvente, despotico e caceteiro, serias um d'elles, se para isso tivesses cathegoria na milicia e na politica.

Pois não obstante estes attributos do teu caracter, que são tudo quanto ha de mais anti-democratico, tu affirmas-te republicano. Affirmas-te, não affirmaste-te. Já não me lembraya que ha tres mezes, se tanto, declaraste alto e bom som em pleno jardim da Estrella, em Lisboa, entre amigos meus, que já não eras republicano, mas sim anarchista e que a tua unica preoccupação—esta só tua—era a inutilisação do partido republicano. Até n'isto a tua philaucia nos despertaria o riso á força de comica se, simultaneamente, não fosse uma triste revelação do teu estado pathologico, bem digno de lastima. O partido republicano, presentemente a maior força politica organisada do paiz, inutilisado por um despeitado!!

Mas emfim não te quero contrariar visto que, sobre nada adiantar, podia aggravar a tua biliose.

Simplesmente eu desejaria saber quando eras sincero: se ao fazeres a tua profissão de fé anarchista, ou ao encabeçares todos os 8 dias no jornal a declaração de semanario republicano. Que dizes?

Mas não ficam por aqui as tuas incongruencias. Ellas são tantas?! Por exemplo: sobre o anti-militarismo e sobre o feminismo. Recordas-te quando atacaste o *Herveismo* que agora defendes calorosamente? Como explicas esta duplicidade d'opiniões? Seria porque ao tempo ainda não tinhas passado *á pelluda?* E com respeito ao feminismo, já te não lembras do muito que ridicularisaste as suas aspirações na pessoa d'uma «senhora soldada com mochila e barriga grande» o que não impediu, tempos depois, de prégares uma tareia em Brito Camacho só porque elle apreciou facetamente a fórma por que as suffragistas de Londres faziam as suas reclamações? Ai despeito, despeito, a quanto obrigas!!

Mas espera! agora noto que tambem atacaste o anarchismo que presentemente te seduz. Afinal tu és como o cego: tocas e cantas conforme a paga e o auditorio. Assim quando a papeleta era assignada por republicanos, a tua linguagem era mais moderada, embora as mais das vezes, injusta; agora que os teus leitores são a quint'essencia da thalassaria, a nata da reacção, vês-te constrangido a rabiscar ao paladar de tão selecto publico. Que te preste. N'isso está a nossa maior vingança de republicanos convictos e indefectiveis.

Só uma coisa, porém, te desejo assegurar: é que não travarei comtigo polemica d'especie alguma, porquanto, conhecendo de sobejo a tua psychologia d'arrieiro, sei bem que não trepidarias em malbaratar a adjectivação, cobrindo-me de improperios á mingoa d'argumentos.

E com respeito ao resto não te rales, velhinho! Antes cada um dar o que póde a favor de uma causa pela qual se apaixonou, do que patentear a gregos e troya nos o triste espectaculo de desorientação que tens dado, a ponto de seres hoje o mais forte argumento dos clericaes, quando se lembram d'atacar o grande partido. Tal gloria só a ti podia caber e, como não é de cubiçar, fica-te com ella.

Aido de Cima.

O naufragio da barca "Europa„

O nosso amigo snr. José Marques, capitão da barca *Europa*, da praça do Porto, descreve assim o naufragio d'esse navio:

A barca sahiu de Leixões em 31 de dezembro ultimo, com destino a Newport-Mon. Até ao canal de Bristol seguiu sem novidade. Ahi desencadeou-se um medonho temporal, em 7 de janeiro, que durou toda a noite. Depois de empregarem os mais heroicos esforços para salvarem o navio, que mettera a borda na agua, foi necessario, para o endireitar, cortar-lhe a mastreação. N'este estado, lançaram ferro a 10 milhas do pharol de Trevon e entraram a fazer signaes para terra, pedindo soccorro por meio de foguetes, luzes vermelhas e fogachos; o mar, porém, era muito, cobrindo o navio todo, e o vento continuava a soprar com violencia, de sorte que, durante a noite, impossivel era chegarlhes qualquer soccorro.

A's 7 da manhã viram que o navio garrava para a costa, toda penedia; pensaram então salvar as suas vidas, fazendo os signaes do costume.

Accudiu-lhes o vapor *B. A. Brock*, de Christiania, que sahia do canal e que, com risco proprio, aproou para a barca, cuja salvação já então era impossivel, mas que boiava por causa, talvez, das mil toneladas de tóros de pinho de que ía carregada. O temporal continuava na sua furia, sendo difficilimo o salvamento, que se operou por meio do cabo de vaevem, que, desde as 8 horas da manhã até á 1 da tarde, poude salvar 13 tripulantes dos 21 que elles eram, incluindo piloto e contra-mestre. A essa hora ía na boia do cabo o tripulante Pelicas, de Ilhavo, o qual, não se agarrando bem, foi levado pelas ondas, seguido pelo vapor, que então largara o cabo de vae-vem, e que até ás 2 horas, apezar dos maiores esforços, não conseguiu salvar o mizero, seguindo logo o seu destino com os 13 tripulantes, por ter avistado um barco salva-vidas que, pelas 3 horas da tarde, chegou ao local do sinistro, conseguindo salvar 6 e, por ultimo, o capitão. Assim chegaram a Padston pelas 5 horas e meia da tarde de 8 de janeiro.

Em Padston foram soccorridos pela Associação de Soccorros a Naufragos, a cujo director,

---

Folhetim d'O DEMOCRATA

CARTILHA DO POVO

POR

JOSÉ FALCÃO

Terceiro encontro de João Portugal e José Povinho

(Continuação do n.º 18)

João Portugal

Mas voltemos á nossa conversa. Em Portugal tendo a Republica, não precisa de embaixadores que comem mais de cem contos de reis por anno. Essas repartições estão cheias de empregados vadios, que comem mais de mil contos de réis.

José Povinho

Então na Republica não ha de haver juizes, escrivães, governadores civis, professores, e toda essa turba de empregados, a que eu nem sei o nome?

João Portugal

De certo que ha de haver o preciso; mas metade dos que nós temos bastavam. Não vês que quasi toda essa empregadaria são os filhos dos graúdos das nossas terras, que foram despachados, porque os paes d'elles venderam os votos pelas eleições? Pois porque é que os ricaços das nossas aldeias nos apoquentam noite e dia para irmos votar na lista d'elles?... E' por que querem os empregos para os filhos. Olha bem para os figurões que andam a pedir votos e verás se é verdade o que te digo.

José Povinho

Lá n'isso tens razão. Na cidade conheço eu um, que come elle, comem os filhos, comem os genros. Só falta que as mulheres tambem comam á custa da gente.

João Portugal

Um ladrão que sae á estrada nunca vae só; precisa d'outros para lhe guardarem as costas; no fim divide o roubo por todos, mas o capitão da malta sempre fica com o quinhão grande. Na sei se me intendes...

José Povinho

Por isso o Povo muitas vezes não tem no bolso um pataco para borôa. Olha lá; mas em nós mandando ás côrtes só deputados republicanos, que não façam o que o rei quer, o rei fecha as côrtes e dá com as portas na cara do Povo.

João Portugal

E' verdade que o fará, se tiver coragem para isso. Mas o Povo sabe tambem o que ha de fazer.

José Povinho

Então que ha de a gente fazer n'esse caso?

João Portugal

N'esse caso, como as côrtes é que tem o direito de votar o dinheiro para as despezas, o Povo não paga as decimas; e em a gente não pagando, os empregados ficam a morrer de fome; os credores do Estado não recebem o juro dos seus emprestimos; dinheiro emprestado ninguem cae na asneira de o dar ao governo; até que no fim a fome ha de apertar tanta gente, que todos se hão de virar para a Republica para não morrerem á mingua. Ah! Ah! Ah! Verás como toda essa vadiagem que mandava na gente e comia á nossa custa, se volta então para o Povo a pedir-lhe uma côdea, porque os melrinhos com as mãos macias das luvas não têm musculos, nem coração para pegarem n'uma enxada ou de uma ferramenta. Acredita-me, meu José Povinho, o Povo ha de fazer grandes coisas. A terra já deu um signal, que até se afundaram umas poucas de ilhas nos mares do Oriente. Não tens visto á hora da madrugada, e á hora do anoitecer, alumiar-se o céu com uma luz vermelha como as labaredas de um forno? E' a côr da nossa bandeira, meu irmão, é um signal tambem. Das entranhas da terra e das profundezas de céu vem estes avisos, que amedrontam o fraco, e causam terror aos maus. O Povo é forte e valente; não tem medo á luta. Adeus irmão e quando eu voltar ha de ser para cantar nas festas da nossa aldeia a victoria do Povo, e a acclamação da Republica.

Olha, uma ultima palavra, José Povinho. O Povo trabalha de sol a sol, e fica pobre, ignorante e miseravel. Os que mandam não trabalham, e são ricos, instruidos e felizes. E' esta a lei dos Homens, mas não pode ser a lei de Deus. Dizem que Christo veio resgatar as nossas almas das penas do outro mundo; pois é preciso que o Povo trate de resgatar o corpo e o espirito das miserias d'este. Acredita-me, irmão; a força governa o mundo. A força somos nós; e os que mandam tem vivido até hoje á custa da nossa força. E' preciso que o Povo tome conta do governo da Nação, é preciso que trabalhemos pela Republica, porque a riqueza virá depois aos que trabalham, e só os vadios terão fome. Quando eu voltar te explicarei tudo isto, porque agora todo o tempo é pouco para eu andar pelas aldeias e povoados a pedir votos para a Republica.

FIM

Sussex Lagford, se mostra muito grato para o capitão.

O capitão, ao mesmo tempo que manifesta a sua gratidão á Associação de Soccorros a Naufragos e ao seu director, queixa-se do procedimento dos nossos consules em Newport e Cardiff. De Padston partiu elle e os seus seis companheiros para Newport, onde chegou a 10 de janeiro. No emtanto, chegou o *B. A. Brock* a Ruão, onde largou os 13 tripulantes que salvára e de onde, a expensas da auctoridade consular portugueza, partiram para o Havre e d'ali para Leixões, a bordo do vapor inglez *Anselm*.

De Newport seguiram os outros naufragos para Cardiff, cuja auctoridade consular portugueza lhes não prestou o menor soccorro, assim como o de Newport. Declara-se, porém, o capitão penhoradissimo para com o snr. Charles J. Ennor, representante do Lloid, no Porto, e que então se achava em Padston, pelos serviços que lhe prestou e aos seus companheiros.

NOTICIARIO

Subsidio importante

O snr. conde d'Agueda acaba de conseguir do governo a importante quantia de seis contos de réis, sendo quatro contos para a conclusão das obras no edificio do Terreiro e dois contos para o completo aformoseamento do largo do mesmo nome.

A camara municipal, na sua ultima sessão, resolveu agradecer áquelle illustre titular o interesse que toma pelas cousas de Aveiro.

Tourada

Pode chamar-se soberba a tourada que, no domingo, se effectuou no *redondel* do Rocio.

O gado excellente para a lide era bravissimo. José Casimiro, que pela primeira vez toureava a cavallo, em Aveiro, teve ferros magnificos, postos com toda a arte e mestria nos bichos que lhe destinaram.

Cadete, Saldanha e Theodoro, artistas muito sympathicos e queridos na nossa terra, estiveram sempre á altura de seus creditos, enthusiasmando com o seu trabalho os espectadores, que lhes fizeram, assim como a José Casimiro, delirantes ovações.

João de Barros fez, no segundo touro, uma pega, que pode chamar-se magistral.

Não obstante, porém, todos os magnificos elementos que entraram n'esta corrida, a casa esteve fraca, o que sinceramente lamentamos.

A proxima tourada é no dia 19.

O emprezario da praça deferindo ás solicitações que lhe foram feitas e attendendo á crise por que vêm passando as classes trabalhadoras, resolveu abater o preço das entradas do **Sol** que ficam sendo agora **de 260 réis.**

Só temos a honrar similhante deliberação e estamos certos de que as classes referidas saberão corresponder-lhe como merece.

Autopsia

Por ordem do juiso de direito da comarca, procedeu-se pelo juiso de paz de Aveiro em 1 do corrente á exhumação e autopsia no cadaver de Rodolpho Francisco Neves, fallecido no hospital d'esta cidade haverá dois mezes e que suspeita-se ter sido victima de um tiro de rewolver dado por José Garrincho contra quem se acha requerido pelo M. P. o competente procedimento criminal.

Luto em Aveiro

Pacheco vae deixar esta cidade, que anda tristissima com tal acontecimento. Choram as fontes, fenecem as flôres e até o rouxinol emmudeceu! Ai, que saudades profundas não deixa, em todos nós, o Jacintho, o Eduardo, o Pacheco! Os reservistas de este districto dizem e proclamam que nunca esteve á frente do D. R. R. n.º 24 um official tão *distincto e delicado*... Arrumaram com Pacheco para Tavira. Tavira está bem servida. Nós, porém, não lhe invejamos a prenda.

Ao snr. commissario de policia

Veem-se por ahi todos os dias atravessando as ruas da cidade, e muito principalmente aos sabbados, garotos de ambos os sexos que andam esmolando de porta em porta, e bem merecem a attenção da nossa policia.

Cada vez mais o numero vae augmentando, acostumando-se os taes garotos a esse modo de vida. Muitos ha já *taludos* que se podiam empregar no trabalho e ajudar suas familias, mas preferem fugir ao estudo e ao trabalho para andarem na ociosidade, arranjando dinheiro para goludices e algum cigarro brejeiro. Tome-os á sua conta a policia.

Pesca

Tem escasseado bastante ultimamente o peixe em nossos mercados. A classe piscatoria vae, por este motivo, atravessando uma grande crise, que se faz sentir tambem nas outras classes.

Comicios e conferencias

O partido republicano d'este districto pensa em realisar varios comicios e conferencias ácerca dos adiantamentos illegaes feitos á casa real.

S. João e S. Pedro

Estes dois populares santinhos foram este anno muito festejados n'esta cidade, crescendo bastante a animação entre a rapaziada como outr'ora.

Gosae mocidade, que as festas são uma vez por anno, dando assim largas á vossa alegria e «beicinho» aos velhos que perderam a epoca... de se divertirem.

Enorme desgraça

No dia de S. Pedro, deu-se uma enorme desgraça no rio de Agueda, proximo de Ois da Ribeira.

Foi o caso que, tendo uma rapariga ido tomar banho, metteu-se por acaso n'um «fundão» do referido rio, a ponto de se vêr em ancias com a morte. Accudiu-lhe uma sua irmã n'esta triste afflicção, sendo o resultado ficarem lá ambas sepultadas.

A mais velha tinha 20 annos e a mais nova 18!

Que triste quadro e que horrorosa morte!

Excursão ao Bussaco

Deve realizar-se ámanhã esta excursão promovida pelo Club dos Gallitos. E' grande o numero de excursionistas e reina delirante enthusiasmo por este passeio. O comboio deverá sahir de Aveiro ás 9 horas da manhã, e compôr-se-ha de carruagens de 2.ª e 3.ª classe, sendo as passagens a preços effectivamente muito reduzidos.

Rancho de tricanas

O rancho de tricanas que nos ultimos festejos ao S. Pedro se exhibiu ahi para os lados das Olarias (Fonte Nova), com geral agrado e applauso de todos, está ensaiando novas canções e danças para realisar em breve um festival no nosso jardim publico.

José Estevam

Installou-se hontem pelas 8 e meia horas da noite, no edificio da Camara Municipal d'este concelho, a commissão organisadora das festas do centenario do grande tribuno aveirense.

LITTERATURA

O SEU PERFIL

Eu nunca passei o Muski — a rua commercial do Cairo — com a sua balburdia e movimentos infernaes, mas encontrei-me uma vez com ella na acanhada calle de Sierpes, que é um pequeno Muski, n'aquelles dias de estonteadora concorrencia de forasteiros—nas festas singularissimas da semana santa e da feira de Sevilha.

Por entre aquella enorme multidão que mirava, surprehendida, o luxo das lojas, a elegancia, o conforto e a indescriptivel animação dos apparatosos cafés e casinos que guarnecem a calle de Sierpes, não passava despercebido o vulto gracioso d'ella, e por entre tantos grupos de mulheres idealmente formosas que se acotovellavam, os olhares dos homens, quiçá na phantasia de uma impressão de momento, mais de uma vez optavam com a vaga insistencia de que estavam contemplando um typo de andalusa, d'uma pallidez attrahente, com os seus cabellos negros e os seus olhos rasgados, gentil e sobranceira como a Giralda, que ergue a grimpa airosa sobre as verduras verdejantes de Sevilha, buliçosa e frenetica como as vibrações da guitarra, ao cantar das seguidillas e malagueñas que se ouvem ao desafio por toda aquella grande feira...

E ella não era andaluza...

Eram apenas os seus 18 annos que reflectiam nos olhos estranhos, a coloração d'um todo captivante e sympathico, era a primavera da vida que se lhe abria com os seus encantos, ao tempo em que os laranjaes em flôr cobriam os jardins de Sevilha com todo o manto surprehendente dos seus variegados matizes... Assim ella podesse viver uma vida inteira entregue a estas visões, a estes desvanecimentos, a estes sonhos de creança!...

Assim ella podesse rever-se sempre na miragem dos que se recordam, saudosos, dos dias de sol do seu passado, tão descuidoso e fugitivo, e aguardam que decorram serenos os dias d'amanhã do seu futuro a que ella vem de prender os seus idyllios de noiva, os seus anhellos de mulher!..

ONABLA.

HORARIO DOS COMBOIOS

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS A LISBOA
8,36 da m. (omnibus)	5,7 m. da tarde
10,6 m. da m. (rapido)	2,38 m. da tarde
4,37 m. da t. (omnibus)	11,58 m. da noite
6,14 m. da t. (rapido luxo)	10,48 m. da noite
10,55 m. da n. (correio)	6,25 m. da manhã
12,16 m. da t. (tramway)	Chegada á Figueira ás 3,38 t.

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS AO PORTO
3,54 m. da m. (tramway)	6,32 m. da manhã
5,45 m. da m. (omnibus)	7,47 m. da manhã
11 h. da m. (tramway)	1,51 m. da tarde
2,5 m. da t. (rapido luxo)	3,22 m. da tarde
5,34 m. da t. (omnibus)	7,46 m. da tarde
9,55 m. da n. (rapido)	11,19 m. da noite
10,23 m. da n. (omnibus)	12,26 m. da noite

O tramway de Aveiro, das 3,54 da manhã, parte do Porto ás 5,46 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,21 da noite.

ANNUNCIOS

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 12 do proximo mez de julho, pelas 11 horas da manhã, e á porta do tribunal judicial de esta comarca, se ha de proceder, pela segunda vez, á arrematação em hasta publica, pelo maior lanço offerecido acima da quantia de 160$000 reis, conforme a deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrso, morador que foi n'esta cidade, em que é inventariante Domingos João dos Reis, d'esta mesma cidade, do seguinte predio:

Uma terra lavradia, sita na Cova do Lobo, proximo do Lila, estrada que vae para Ilhavo.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro, 16 de junho de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ferreira Dias.

O escrivão do 5.º officio,

Manoel Cação Gaspar.

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

POR este juizo e cartorio do escrivão do 4.º officio —Flamengo, nos autos de execução hypothecaria em que é exequente Albino Antonio Rebello Sebolãa, casado, proprietario, de Pardelhas, comarca de Estarreja, e executados Serafim de Deus da Loura e mulher Angelica Ramos da Maia, negociantes, e Luiz Mathias Rodrigues, viuvo, lavrador, todos d'esta cidade, vae pela terceira vez á praça, no dia 12 do proximo mez de julho, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal d'esta cidade, para ser arrematado por quem mais offerecer, nos termos do § unico do artigo 850.º do Codigo do Processo Civil, o seguinte predio penhorado no mencionado processo e pertencente ao executado Mathias:

Um pinhal e matto com seu respectivo terreno e mais pertenças, sito na Cova do Ouro, freguezia de Esgueira.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante, sendo a contribuição de registo paga nos termos da lei.

Pelo presente, são citadas todas e quaesquer pessoas incertas, que se julguem interessadas na alludida arrematação, para virem deduzir os seus direitos, sob pena de revelia.

Aveiro, 25 de junho de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ferreira Dias.

O escrivão do 4.º officio,

João Luiz Flamengo.

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

POR este juizo e cartorio do escrivão do 4.º officio — Flamengo, nos autos de execução hypothecaria em que é exequente Albino Antonio Rebello Sebolão, casado, proprietario, de Pardelhas, comarca de Estarreja, e executados Serafim de Deus da Loura e mulher Angelica Ramos da Maia, negociantes, e Luiz Mathias Rodrigues, viuvo, lavrador, todos d'esta cidade, vae pela segunda vez á praça, no dia 12 do proximo mez de julho, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal d'esta cidade, para ser arrematado por quem mais offerecer acima do preço em que é posto em praça, e que é metade da sua avaliação, o seguinte predio pertencente aos executados:

Uma morada de casas altas, a do poente, com todas as suas pertenças, sita no Bairro João Affonso, rua Abel Ribeiro, freguezia da Vera-Cruz, no valor de 213$470 réis, foreira á Camara Municipal de Aveiro em 1$153 réis annuaes, sem laudemio.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante, sendo a contribuição de registo paga nos termos da lei.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas, que se julguem interessadas na alludida arrematação, para virem deduzir os seus direitos, sob pena de revelia.

Aveiro, 25 de junho de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ferreira Dias.

O escrivão do 4.º officio,

João Luiz Flamengo.